

Fraga admite continuar, com o PSDB ou o PT

Presidente do BC coloca-se à disposição, desde que haja continuidade da política econômica

REALI JÚNIOR

Correspondente

PARIS – Definindo-se como um profissional e um técnico que acredita ser bom para o País haver responsabilidade fiscal, taxa de inflação baixa, obediência a regras básicas do estado de direito, enfim, “um conjunto de coisas simples”, o presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, voltou a admitir ontem em Paris que poderá permanecer nas suas funções após o final do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, vencendo a situação ou mesmo a oposição (PT). “Se alguém achar que eu possa colaborar, coloco-me à disposição”, acrescentou o presidente do BC, depois de banqueiros e investidores europeus terem manifestado, em Paris e Londres, sua preocupação sobre a continuidade da política econômica e financeira atual e sobre sua própria permanência na direção do BC.

No caso do candidato do PSDB, ele confirmou já ter sido até convidado para ficar no posto, mas no caso de vitória da oposição, Fraga condiciona sua permanência à continuidade da atual orientação na sua área de atuação, lembrando que até agora não teve nenhum convite ou contato com o candidato. Indagado se acredita ter havido, nesses últimos meses, uma evolução da oposição, aproximando-se e assimilando mais a linha atual da política econômico-financeira, o presidente do BC foi bem claro: “Creio que sim, e transmiti isso aqui em Paris a esse grupo de investidores franceses, banqueiros e analistas reunidos na sede do BNP-Paribas”. Na véspera, ele havia agido da mesma forma num contato fechado com os representantes da City londrina.

A seu ver, isso vem de um entendimento de que seria bom para o País se essa evolução continuasse, sem abandonar os inúmeros outros problemas que precisam ser enfrentados. Armínio Fraga ressaltou que procurou argumentar com eles que o oposto é também verdadeiro, isto é, “não conduzir com um mínimo de bom senso e objetividade a coisa macro poderá também trazer enormes prejuízos”. Segundo ele, é preciso uma decisão muito clara: “É em função disso que eu situo o debate político no Brasil, havendo sinais importantes de avanço nessa direção”.

Reservas – Fraga reuniu-se, em Paris, num almoço na embaixada do Brasil, com um grupo de representantes de grandes empresas francesas instaladas no Brasil, como Peugeot e Renault, e à tarde, na sede do BNP-Paribas, avistou-se com cerca de 60 banqueiros, especialistas de mercado e investidores numa missão política, cujo principal objetivo foi acalmar os meios financeiros europeus diante das recentes turbulências provocadas pelas incertezas políticas no Brasil.

Se a crise atual é definida como política, ela sofre também repercussões da crise internacional, segundo confirmou o presidente do BC. “Apenas que, dessa vez, esse ponto de interrogação sobre o futuro parece ter sido predominante.” Fraga reafirmou que o governo está disposto a intervir no mercado sempre que for necessário, repetindo o que já foi feito no passado, quando ocorreram intervenções que chegaram a US\$ 50 milhões por dia.

“Afinal, é para isso que servem as reservas”, disse Fraga a interessados representantes dos bancos franceses. Segundo ele, sua palestra foi quase idêntica à anterior, em Londres, tendo recolhido uma visão positiva do Brasil nas duas capitais, mas também uma preocupação com o futuro. Ele procurou explicar a esses setores que ninguém pretende defender uma política desequilibrada, excessivamente criativa. Hoje ele participa de um seminário, no Hotel Trianon Palace de Versalhes, promovido pelo Instituto Internacional de Finanças.